

SOBRE OBJECTIVOS, SERVIÇOS E SERVENTIAS DA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA. ALGUMHAS PROPOSTAS.

ELIAS J. TORRES FEIJÓ

Grupo GALABRA – Universidade de Santiago de Compostela

Num trabalho inserido no volume de Homenagem ao Prof. Aguiar e Silva (Torres, 2004c), e que utilizarei como base deste texto, comecei por enunciar o que julgo foi a principal labor dos historiadores da literatura, em geral, no mundo ocidental desde, pelo menos, o século XVIII, na esfera dos campos culturais e no ensino: o de, juntamente com o estudo da língua, das ‘artes’ e, também, doutras disciplinas como a história e a geografia, inscrever, primeiro em determinadas elites da comunidade, depois no conjunto da mesma regida pelo estado, um repertório de imaginários e, também, de normas, modelos e materiais que alicercem a sua coesom, normalmente a ‘nacional’ (resultado da construção das disputas e domínios exercidos no campo do poder) inserindo um sentido de pertença a um mesmo grupo, fornecendo determinados instrumentos de reconhecimento mútuo e constituindo-os em modos privilegiados de comunicação intra e extra-comunitária, referencial e simbólica. A renovada presença do passado que muitas destas disciplinas portam (e cujo conhecimento, em si, apareceria como desnecessário quanto saber nom-útil e nom-prático) e que conhece formulações como a falsamente denominada ‘memória colectiva’ (a tal ‘memória’ é a desejada e imposta por alguns; colectiva nem o é à partida nem para todos, nem todos beneficiam dela por igual), foi um dos alimentos imprescindíveis da ideia de Nação legitimada pelos grupos dominantes na sua auto-afirmação, delimitação e distinção de outros. Isto nom significa que sempre esses grupos fossem homogéneos nem exercessem pacífica e totalizadora-

mente o seu domínio, senom que este é resultado, nom linear mas complexo e dialéctico, da sua sistemática tensom com outros interesses de evasom e/ou imposiçom por parte dos diferentes sectores dominados dessa comunidade, o que pode produzir instáveis níveis de representação e hierarquia identitárias; baste analisar, para o caso europeu actual, as diferentes delimitaçoms que se produzem num Estado como espanhol, em que diferentes grupos postulam identidades primárias de diferente nível e hierarquia que colidem entre si.

Frente a outras dimensoms culturais como as denominadas ‘seis/sete artes’, o estudo da literatura constituiu-se como um fenómeno privilegiado, polo seu fácil acesso (um texto é mais facilmente reproduzível que umha escultura, por exemplo), por estar composto por palavras, constituintes, por sua vez, da língua nacional – o alicerce da coesom nacional –, e por a ela (à sua produçom, compra-venda, estudo, ensino, etc.), e sobretudo desde o século XIX, dedicar-se a maior parte dos agentes intervenientes no campo cultural, e os acumuladores de maior poder no mesmo, o que o alargamento do mercado e o aparecimento de novos meios de comunicaçom nom fijo mais que retroalimentar e acrescentar. Deste modo, e para o caso que nos ocupa, foram utilizadas e progressivamente concebidas as histórias das literaturas *nacionais* e desta maneira passaram à formalizaçom do ensino regrado em forma de manuais e programas de aprendizagem e leitura passíveis de serem avaliados. Nesses programas, como nessas histórias literárias, procurou-se a coerência dos elementos identificadores, delimitadores e ligantes do presente da comunidade (língua, território, origem, etc.) com o passado reconstruído, daí resultando os conteúdos e limites das literaturas nacionais, os seus critérios de inclusom e exclusom. E neles e como consequência, assumiu-se a necessidade dumha hierarquia de autores e/ou obras representativas (também etimologicamente) da reconfiguraçom simbólica dessas balizas e dos valores, crenças e modelos considerados superiores e totalizadores por parte daqueles que conseguiam impor os seus princípios e categorias. Supeditados a esas práticas e objetivos, os textos e os autores foram carregados dumha importante projecçom do que era invocado e aceite nas elites dominantes como o *Volkgeist*, o presumível espírito criador do povo que estaria na base de todas as suas manifestaçoms e elaboraçoms culturais e regras comunitárias, como queria Savigny, e, naturalmente, na literatura como expressom sublime da Naçom. O possível paradoxo entre o autor, individual, e o colectivo ‘espírito do Povo’ (que nom “popular”) como ‘criadores’ do texto foi

solucionado normalmente considerando aquele como o melhor e mais profundo ‘intérprete’ e, alimentado pelo Romantismo, cantor da presumível essência ou do Povo ou dum período da sua história. Isto permitiu até alargar o paradoxo ao extremo de que quanto mais a obra fosse elevada à categoria de emblemática e singular, maior era essa projecção do *Volkgeist*. Textos como *Os Lusíadas*, autores como Camões, foram e ainda som particularmente propícios a esse exalçamento sistematicamente reproduzido; neles melhor se apreenderia o génio e o espírito nacional portugueses, daí também sendo interpretados como importantes modos de conhecimento e isto explicando parte das polémicas que nos inícios do novo século se produzirom sobre a sua presença nos estudos de secundária lusos.

Essa unificação tem como base as necessidades do campo do poder, quer na vertente da ‘memória da Nação’, quer, menos, na de aprendizagem da língua. Nas figuras cimeiras do cânone (ou dos cânones, em occasions reflectindo homologamente interesses de diferentes grupos no campo do poder, ou fórmulas de autonomização do campo e de imposição das próprias legitimidades) projectam-se os valores e princípios dos grupos que conseguem impô-los e definem, igualmente, o alargamento que pretendem. Igualmente produzem-se identificações entre o que se projecta (aquilo que se quer fazer significar) e essas obras e autores, que podem mudar, até extremos contraditórios, consonte ao grau de importância e pertinência que tenham para os agentes actuates nos processos de canonização. Cervantes, Camões ou Rosalia de Castro já foram utilizados para representar mui diversos e até contraditórios valores. De resto, tende-se a mostrar as diferentes dimensões concentradas na historiografia literária como interrelacionadas e produto dumha ‘natural’ interdependência. Para o caso da dimensão do prazer estético, por exemplo, certamente o cânone aparece também, e primeiramente, como o modelo do ‘belo’, do que tem *qualidade*, no fundo bebendo da equiparação ilustrada do belo e o verdadeiro, em que os textos que transportam a verdade da língua e a verdade da nação, necessariamente devem coadunar-se com a beleza. Essa dimensão, a esfera de animação à leitura e a necessidade invocada de fazer e ganhar leitores, obrigou recentemente em vários espaços sociais a umha maior abertura do leque de leituras, sobretudo nas primeiras fases do ensino escolar, ficando a aprendizagem do cânone para etapas mais avançadas do ensino (Torres, 2004c).

Conformar e estudar um cânone, determinar nele os nutrientes fundamentais do mesmo, elaborado sobre a base de parâmetros entendidos como beleza, verdade, representatividade estética e/ou nacional, qualidade, foram e em boa medida som, todos juntos, ou singularizados alguns, os objectivos fundamentais da historiografia literária. E isto, sem esquecer um dos mais poderosos instrumentos de conceptualização (e reconstrução *pro domo* dos conceptualizadores) do passado (e, assim, de elaborador da 'memória colectiva'), a periodização, que talvez seja uma das formulações que com maior prioridade devem ser revistas, à luz dos parâmetros com que se conformar o objecto de estudo: a classificação do passado, muitas vezes realizada em função dos interesses dos grupos com maior domínio no sistema, ou o estabelecimento de determinados conceitos (modernidade e Pós-modernidade, por exemplo), precisa uma urgente revisão. E essa historiografia literária, convertida em matéria de aprendizagem escolar, alicerçada na crença dos seus elaboradores e transmissores, no sentido de estes entenderem realizar uma missão boa *per se* e sublime, acaba, por sublimação, em serventia aos detentores do poder político. Instaurou-se, assim, em muitas dessas actividades, um aparente paradoxo poucas vezes desvendado: o de haver professores e historiadores, estudantes de literatura, etc. que julgam trabalhar para a defesa da estética, a beleza e/ou o conhecimento histórico como actividade autónoma (em que explicariam *a literatura*), enquanto, uma vez fixado um cânone resultado das projecções interessadas dos construtores de determinada ideia nacional, estes não vêm ameaçada essa construção, por mais que em muitas ocasiões aqueles utilizem autores e textos como armas de arremesso contra *o poder*. O acordo fundamental sustenta-se na existência dum cânone, mantido, com poucas variações e com alto grau de anuência, pelos que impõem as suas normas tanto nos campos culturais como no do poder, e que conhece na instituição escolar o pacto de manutenção e transmissão mais poderoso. Todas as interpretações e actividades que se realizem com esse cânone (por exemplo, digamo-lo burdamente, utilizá-los como pró- ou anti-sistema político em ocasiões), é um fenómeno claramente secundário e de outra índole a respeito dessa função primordial, que se mantém oculta, a de manter e projectar determinada identidade nacional ao conjunto da população, a quem lhe é imposta, certamente, mas que aceita em muitos casos, dado o alto grau de violência simbólica que porta e o seu correlato com as imposições de índole político-jurídica e económica em que se inserem. O alto grau de subjectividade que, habitualmente, os

estudos literários historicamente comportam, em que a recepção individual se mixtifica com a análise literária [e em que professores, teóricos e críticos (se) constroem socialmente como especializados leitores por antonomásia], secundariza ainda mais a sua actividade.

Ou melhor, todas as interpretações e actividades que se realizem com esse cânone, menos uma: a que evidencie o seu carácter radicalmente histórico, impositivo e construído, dependente dos detentores de poder. Não a que persiga alargar o cânone, ‘abri-lo’ como tantas vezes se tem dito, porque a esse alargamento subjaz idêntico propósito de imposição e domínio, de ‘representatividade’ dos interesses dos seus proponentes. A pura existência dum cânone, transmitido através da instituição escolar e doutros meios de educação formal, informal ou não formal, é um dos exemplos mais expressivos do carácter dominado que o campo literário, como os campos culturais em geral, têm a respeito do campo do poder. Mesmo que a sua formulação fosse resultado da radical autonomia do campo literário (que não o é), em que os membros do mesmo impugnessem as suas regras, a existência de hierarquias sustentadas no carácter (mais) legítimo duns textos e autores sobre outros, implica sempre o domínio e o poder. Como também, a imposição de determinados autores e textos de determinados países mais poderosos¹. E necessita das redes comerciais, das plataformas transmissoras educativas, do ensino, etc. para impor-se no espaço social em que se desenvolva.

Toda a pesquisa e todo o ensino regrados e remunerados, de qualquer disciplina, devem ter um componente heterónimo importante, entendido como serviço ao progresso da comunidade. Devem produzir conhecimento para as pessoas poderem beneficiar dele e aumentarem a sua qualidade de vida. Na verdade, esta formulação pode ser plausível para qualquer leitor ou leitora. Ora, a questão está ainda por resolver, no caso que nos ocupa, porque o entendimento dessa produção de conheci-

¹ Por exemplo, notemos que cada vez será maior o fenómeno da emigração e do fluxo de pessoas deslocadas dos seus lugares de origem: a historiografia literária pode contribuir para o conhecimento e desconstrução dos processos de canonização, e, no que eles têm de projecção de valores, evidenciar uma importante relevância para a integração e a coesão sociais.

Isto conduz, igualmente e ao lado das outras precisões feitas, a uma tomada em consideração do objecto de estudo em espaços supra-comunitários ou nacionais, focando e comparando estes aspectos, para uma melhor consecução dos objectivos historiográficos.

mento e dessa qualidade de vida, pode ser diverso. Cabe indicar que a questom nom é, à partida, método ou quadro teórico, nem de abordagem. É de objectivos e interesses.

Os estudos literários vam a caminho dum menor peso nas esferas do ensino e do espaço social em que se inserem. A doxa própria do campo do ensino e a investigação da literatura fai com que seja difícil surgirem meninos que apontem que o estudo da literatura vai nu, e que nom fagamos caso dos meninos que o apontam, por considerarmos esses meninos ou impuros ou pouco sábios, e nom paradoxalmente. Talvez isto contribua para reformular o objecto de estudo do ensino e a investigação da literatura, certamente em crise na actualidade. Essa crise provém, entre outros factores (vid. Torres 2004c), da perda de importância que a literatura tem como actividade cultural na sociedade e na perda de funcionalidade que a literatura tem na conformação da identidade. A *Antiga Aliança*, entre o poder (Torres, 2004b) e os agentes da literatura, quebrou, mostrando o carácter instrumental que estes tiveram a respeito desse poder, agora substituídos por outras muitas fórmulas identitárias, de manutenção da identidade. Como tivemos oportunidade de indicar (Torres, 2004c) a crise na investigação da história da literatura, interrelacionada com esse vazio que a perda de funcionalidade deixou, era já constatada em 1993, polos editores dumha revista de referência no nosso âmbito, *Neohelicon*, Miklós Szabolcsi y György M. Vadja, indicando que esta vivia umha “particular internal crisis or we could say, is in search of its identity” (1993, XX/2: 9-10), que concretizavam na eventual perda da função nacionalitária consolidada no século XIX, na concorrência padecida por novos e mais desenvolvidos meios, na ausência de progressos na disciplina e na posta em causa da metodologia e da delimitação do objecto de estudo.

De todas as formas, a certa caracterização da crise dos estudos literários enunciada por Szabolcsi e Vadja nom deve fazer perder de vista que, precisamente, é a doxa inscrita no próprio campo dos estudos literários a que impediu, e ameaça com impedir no futuro, a necessária reconversom para a qual fago aqui algumas propostas. O sociólogo Pierre Bourdieu definia nas suas *Meditations Pascaliennes* (1997: 67), o centro dessa situação recorrendo ao conceito de *epistémocentrisme scolaire*, na linha da sua análise sobre a disposição escolástica, sobre as projecções, metadiscursos e metapráticas gerados polos participantes desse epistemocentrismo.

Essa esclerose no campo dos estudos literários, obedece, assim, em boa medida, ao tipo de investigação que nele se considera *o pertinente*, e à incapacidade que os estudiosos temos de explicar como funcionam as actividades literárias nos espaços sociais que as acolhem.

Desvendar esta doxa e aqueles mecanismos impositivos historicamente parece-me umha tarefa primordial do estudo da literatura e da cultura, da historiografia literária. Um desses mecanismos radica na própria imposição da actividade literária de determinadas elites culturais como actividade legítima a respeito de muitas outras e em contraposição com as de outras classes e grupos sociais. Essas elites, com independência das suas ideias e interesses internamente contrapostos, sustentam o seu poder simbólico nessa legitimidade. A pugna existente entre “românticos” e “realistas” na segunda metade do século XIX português, baseia, antes de mais, a sua importância social em ser a actividade cultural de maior legitimidade da época entre as elites em disputa. Nenhum dos interesses em jogo pujo em causa a actividade literária porque ela constituiu umha estrutura de poder. Precisamente, o surgimento doutras actividades culturais, legitimadas por grupos sociais homólogos, que o eram (ou som) também da actividade literária, na pugna por alcançar posições legítimas, coloca os campos literários, na actualidade, numha situação de menor privilégio que a que detinha quando nom apareceram o cinema ou a fotografia como actividade artística, por exemplo; e quando outras actividades de lazer nom passaram a ocupar posições mais relevantes (e legítimas) nos grupos sociais que a sustentavam. O fluxo de produtores entre os diferentes campos (do romance ao roteiro cinematográfico, v. gr.) manifestam esta situação. À historiografia literária/cultural abre-se assim um campo de investigação importante, na detecção da construção dessas hierarquias, das suas invariantes e modificações, ao longo da história, pondo-as em relação com as circunstâncias do campo do poder e do espaço social em que tenham lugar. E, do mesmo modo, cabe a análise da construção do gosto através da literatura; das modificações (ou nom) do gosto que se operaram historicamente nos grupos que ocuparam posições dominantes no campo do poder e no campo literário, nas eventuais variações que tiveram lugar na natureza e composição desses grupos, como também nos gostos das diferentes grupos que conformam um espaço social determinado.

Esta vertente da literatura e do seu estudo deve conectar-se com outra focagem, ainda, como no caso anterior, nos inícios da sua construção metodológica e da sua prática. Refiro-me à perspectiva que analisa

a produção literária como fabricadora de ideias, e que tem em Itamar Even-Zohar (2000, 2002, 2003a, 2005) o mais relevante investigador que conheço. Assim considerada, a literatura é passível de ser entendida como umha actividade que influi na atitude e comportamento das pessoas, na conformação do seu *habitus*, que contribui para elaborar, promover, reforçar ou nom determinadas fórmulas vitais que funcionam ou podem vir a funcionar num espaço social, e onde, outra vez, a consideração das suas relações com o campo do poder devem estar presentes. Els Andringa e Margrit Schreier (2004), sintetizam algumas análises feitas neste sentido, num trabalho-resumo francamente interessante e que abre várias perspectivas, entre elas a do volume de título já ilustrativo: *The Relationship of Fiction and Life*, editado por R. M. Polhemus e R. B. Henkle em 1994, cujo conteúdo principal explicam assim Andringa e Schreier (2004: 161): “In many of chapters, questions of representation and interpretation of the (historical) world constitute the point of departure: how, for example, the composition of a work may reflect social reality or the author’s struggle for life. “‘Life’ in this book”, esclarecem, “is the historical or personal world from which a work derives or to which it refers”. Com umha orientação diferente, mais virada para a elaboração de ideias das elites para as suas comunidades, o próprio Even-Zohar tem estudado alguns casos (por exemplo, 1996a, 1996b e 2003b). No Grupo GALABRA da Universidade de Santiago de Compostela, a Equipa Poluliga trabalha sobre o processo vivido polo protosistema literário galego entre 1968 e 2000, analisando, entre outros factores, o seu relacionamento com o Portugal e o restante mundo lusófono, as ideias que se foram construindo nesses anos (sobre Galiza, a língua, a identidade, etc.) e o seu grau de triunfo e proeminência no campo literário da actualidade, comparando os resultados com os princípios programáticos dos grupos políticos em causa e com as considerações e usos que funcionam na sociedade galega actual. E nessa análise, tentando determinar o grau de importância que a actividade literária tivo na construção das ideias indicadas circulantes na Galiza. Doutro ponto de vista, mas sempre nesta linha de investigação enunciada, no ano 2006 começará a desenvolver-se um projecto de investigação sobre o ensino da língua e literatura galega no nível secundário na Galiza, que nos permita conhecer em que medida esse ensino (considerando todos os factores e agentes intervenientes) incide na vida das pessoas, na sua visão da Galiza, nos seus usos lingüísticos, etc. E isto, pondo em relação com a formação recebida polos docentes. Entre outros, serão factores impor-

tantes no objecto de estudo desta pesquisa, cruzando-os com as ideias investigadas, a extracção e a trajectória sociais das pessoas, a sua consecução de posições exitosas (subjectiva e objectivamente consideradas), a sua escala de valores, o meio e a povoação em que estudaram ou mora(-ro)m e os seus hábitos de ócio que tenham a ver directa ou indirectamente com as ideias visadas. Porque a instituição escolar é o principal veículo de canalização dos trabalhos historiográficos no campo da literatura, entendo que a investigação neste campo deve ser um dos núcleos fundamentais de pesquisa. Na análise de programas, leituras, perspectivas didácticas, naturalmente; mas também na análise de qual a concepção historiográfica utilizada, como ela interacciona e é feita interaccionar com os interesses do estudantes ou se através dela se tenta produzir novos interesses, quais os objectivos perseguidos e em que medida eles tenham a ver com a escala de valores posta em prática pelos estudantes em todos os níveis do ensino e na consideração da sua trajectória vital. A comparação com outras disciplinas docentes, como a história e a geografia, e, no caso descrito, com a docência da língua e a literatura espanhola, fai-se extremamente pertinente, para poder situar e contrastar as ideias fabricadas desde a docência da língua e a literatura galega.

Esta classe de análise da actividade literária como fabricadora de ideias pode igualmente auxiliar o conhecimento dos processos sociais ao longo da história dumha comunidade, dos valores e actuações dos seus diferentes grupos. De igual maneira que a literatura contribuiu e contribui para a coesão e imaginário dum agregado humano, também através dela foram elaboradas e promovidas formas de lazer, variadas atitudes vitais, transformações sociais. Por voltar ao exemplo dado de “românticos” e “realistas”, por trás de assuntos vistos como epitelialmente estéticos, assomam modos diversos de entender a sociedade, as relações amorosas ou o progresso científico; conceber e promover umha literatura para “entreter” ou “transformar” (aceitando agora este esquematismo), conleva igualmente umha maneira de entender(-se) a respeito do campo do poder, umha diferente funcionalidade a respeito das lutas que nele se produzem e, também, um determinado modo de entender o que seja a literatura e a ‘boa’ literatura. Umha esfera de pesquisa especialmente importante para a historiografia literária pode radicar-se na elucidação das eventuais mudanças surgidas em determinados grupos sociais através da produção literária/cultural: de que forma, por exemplo, o tratamento das relações amorosas interclasses promovido por determinadas obras

românticas, contribuiu/inteactuou para modificar ou fomentar essas relações e para por sua vez promover medidas políticas, programáticas ou legislativas, no campo do poder; ou como textos e canções de intervenção alargaram o número de activistas e opositores a regimes ditatoriais ou coloniais e perfilaron umha auto-imagem da comunidade, como também determinaron os seus gostos e considerações da (boa) literatura e da (boa) canção.

A crise dos estudos literários e, em geral, de ‘Humanidades’, que radica na interrelação entre factores inscritos na história do campo e às transformações existentes em – as lutas em – o campo do poder e no espaço social dam como resultado umha importante diminuição dos estudantes ‘de letras’ e da sua motivação e, mesmo da sua qualificação (os Cursos de Letras estão nutridos, na sua maior parte, por estudantes com as piores qualificações ao longo do seu historial escolar, que já não aspiram ou não conseguem entrar, em muitas ocasiões, a Cursos universitários onde era requisito não ter abaixo dumha determinada qualificação de acesso²). Pelo que conhecemos, em âmbitos como o galego, o português, o europeu, o brasileiro, os estudos literários (sobre-todo aqueles em que estes não fazem parte complementar doutros Cursos) apresentam, quer seja no ensino secundário quer seja no universitário, umha perda progressiva de estudantes e de peso relativo a respeito doutras disciplinas. Certamente, cada caso aludido apresenta razões particulares e exclusivas, mas é comum a todos eles o desinteresse crescente que este tipo de estudos gera. A situação mudou de maneira extraordinária em pouco tempo. Trinta, ou, inclusive, quinze anos antes em alguns casos, os estudos literários pareciam manter um vigor importante. Em Torres, 2004c, tentei expor alguns dos factores, tanto de carácter endógeno como exógeno que me parecem aumentar esta perda progressiva.

² Os perfis de estudo desenhados pola legislação para aceder à educação superior indicam que, na Galiza e durante o ano 2002-2003, das cinco áreas de estudo em que se dividem as vias de acesso à Universidade os estudantes que escolheron a via das Humanidades não ultrapassaron 15 %, enquanto os que tomaron a via Científico-tecnológica e das Ciências Sociais supunham 25 % cada um, não chegando a de Arte a 10%. A via de Humanidades é a única que dá acesso aos estudos universitários de Filologia, mas, juntamente com outras, permite aceder a estudos que supõem 50% do total de estudantes matriculados no campus compostelano, por exemplo. Mas os seus conteúdos específicos (História da Filosofia e Latim) não pareciam ser de grande atractivo para os estudantes.

Nom conheço monografias relevantes e específicas sobre este assunto, mas consultas e práticas avulsas e alguma observação podem conduzir-nos a indicar que esse comum desinteresse está motivado polo atractivo e as expectativas laborais que produzem outros estudos que se mostram, ao mesmo tempo, melhor inseridos na dinâmica social e profissional (nom, estritamente, no ‘mercado’) de cada âmbito. Para o caso espanhol, um importante inquérito realizado pola “Fundación BBVA” (2003), considerando o universo de estudantes do espaço social espanhol, revelava que os estudantes de Humanidades (que inclui estudos de Humanidades. Filosofia, Educação, Belas Artes, Filologia, Geografia, História e Pedagogia) eram os menos satisfeitos com o Curso que realizavam (55,9%), situando-se em mais de 6 pontos abaixo da média (62,1), que atinge perto de 70% nos Cursos denominados Técnicos e nas Ciências da Saúde: À pergunta “¿Hasta qué punto estás contento con la carrera que estás estudiando?”, manifestavam satisfação com ela 55’9% dos estudantes de Humanidades, 69% das Ciências Técnicas, 59’1% das Ciências Sociais e Jurídicas, 65% das CC. Experimentais e 69’5% das Ciências da Saúde. Nas respostas dos estudantes, nom parece que a carga lectiva seja determinante no âmbito das Humanidades, comparativamente, porque som os que menos tempo dedicam a estudar (11’3% horas/semana frente a umha média de 12’9 no conjunto dos universitários) e mais parecem salientar-se razons de insatisfação com os conteúdos ministrados, que os convertem nos estudantes que enfrentam o seu futuro com maior desesperança. Os estudantes de Humanidades que consideravam que a formação que se lhes proporcionava em relação ao vínculo laboral que podiam vir a ter era insatisfatória se situava em 70’1%, quando a média de insatisfação do conjunto estava no 63’8%, enquanto só 25’1% a interpretava como satisfatória numha média global de 29’8 % de satisfação do conjunto.

O inquérito nom oferece dados sobre as suas expectativas prévias mas perfila um tipo de estudante de Humanidades o mais interessado, de entre todos os universitários, nos assuntos públicos e na dinâmica social; é o estudante que manifesta atitudes mais críticas a respeito do sistema, o que mais participa nas associações e organiza o maior número de actividades culturais, e cujo objectivo fundamental é ser competente na sua profissão face aos colegas das Ciências Sociais e Jurídicas, Experimentais, da Saúde ou Técnicas, cujas prioridades som formar família ou ter sucesso profissional.

Todo parece indicar que as Humanidades nom respondem na actualidade às expectativas dos estudantes. Sempre no âmbito espanhol, do que temos mais dados, um trabalho de Felipe Sáez Fernández y Ramón Rey Boullón (2000), revelava que os formados em Filologia, considerando a relação entre conhecimentos e tarefas, oferecem umha valorização média desses estudos, dentro do conjunto universitário, por cima dos formados em Direito, Biologia, Químicas, Filosofia e Geografia e História. Mas o que salienta como mais importante para nós desse estudo é que, sendo a principal dedicação dos filólogos a docência, esta nom ultrapassava a metade do conjunto, ficando em 44%; 23% está dedicado a “actividades de asesoría y consultoría, e som outros ámbitos profissionais dos filólogos os de “servicios personales”, “ocio”, “hostelería”, “gestión y administración”, “comercio”, “distribución y comunicación”.

E que tem a ver a reorientação da historiografia literária em isto todo? Umha análise dos dados antes anotados, a respeito das possibilidades laborais dos formados em Humanidades, e das novas procuras profissionais e sociais, reflectidas em parte na emergência e ascenso dos índices de profissionalização em actividades nom docentes por parte de pessoas com formação lingüístico/literária/cultural, mostra a necessidade de responder à formação ou reciclagem de profissionais presentes ou futuros em ámbitos como o desenvolvimento de actividades dedicadas ao património cultural, tanto imaterial como material (e aos seus processos de mercantilização e hierarquização, vid Mc Crone et alli, 1995), turísticas³, de animação sócio-cultural, de técnicos de cultura, de jornalismo especializado, de consultor de empresas públicas ou privadas, ou do mundo editorial. Para isto, devem reorientar-se os estudos sobre a base de análises rigorosas do ponto de vista sociológico (com auxílio da sócio-crítica⁴), que tornem possível umha historiografia literária tendente

³ Note-se, para ilustrar com um exemplo, que o turismo na Galiza é crescente fonte de ingressos, que o turismo cultural joga um papel de importante magnitude nele, sendo, aliás, Portugal, com mais de 20%, o país que acarreta o maior número de visitantes: um conhecimento das potencialidades da elaboração de imagens da Galiza através da literatura e dos interesses e valores culturais dos portugueses, pode colocar-se ao serviço dumha actividade destas características

⁴ Recomendo, por exemplo, e como mostra de possibilidades, as considerações teóricas e aplicações de alguns trabalhos inseridos nos Vols. XVIII 2 e XIX da revista *Sociocriticism*, 2003, 2004, particularmente, os de Antonio Chicharro e Sonia Marta Mora Escalante, para o caso que nos ocupa.

a um maior conhecimento da construção de valores em cada comunidade. A consideração da literatura como património, como actividade cultural, como rede sócio-económica (Torres, 2004c), permitirá promover, ao mesmo tempo, uma investigação destinada a actividades e acções de desenvolvimento económico e cultural, vinculando-as a actividades de defesa e promoção do património, turismo cultural e integração social, no quadro da globalização e do fluxo de pessoas, na medida em que uma historiografia deste tipo desvende o carácter construído e impositivo dos cânones em curso, assim como as ideias e valores por eles elaborados ou neles projectados.

Necessariamente, este tipo de orientações dos estudos literários implica reformulações e prevenções fortes. Entre estas, a mais importante passa por não converter a actividade investigadora em subserviente dos interesses lineares dos agentes intervenientes no campo do poder (para uma proposta da “universidade sem condição”, pode ver-se Derrida, 2002; tb. Torres, 2004 c). As reformulações passam, em minha opinião, pela aplicação de metodologias adequadas para a consecução desse fim, alguma das quais mostrei em Torres, 2004a. Exigem trabalhos em equipa, projectos bem concretizados e delimitados, considerações alargadas do objecto de estudo (não reduzido ao ‘puro literário’ mas perspectivando os fenómenos do ponto de vista da cultura) exaustivos trabalhos de campo, importante cooperação com outras disciplinas, como a sociologia, a antropologia, a geografia, a história ou a economia, e recursos materiais e humanos que, certamente, muitos dos nossos centros de investigação não estão em disposição de fornecer. Em boa medida, está todo por fazer, mas começa a haver reorientações, mesmo de revistas especializadas no âmbito ‘literário’, que visam já estes objectivos, caso da citada *Poetics Today* ou da *Poetics* (vid. para este caso o volume 32, número 2 de 2004). Mas, o que me parece mais pertinente, é que os próprios investigadores reflectamos sobre a situação actual e comecemos a construir novas fórmulas de análise e intervenção, que permitam superar as carências, insuficiências e perversões que no nosso campo se foi elaborando ao longo do tempo, para conseguir a emancipação e, sim, a utilidade, da nossa actividade.

Bibliografia Citada

- ANDRINGA, Els e SCHREIER, Margrit (2004): “How Literature Enters Life: An Introduction”, *Poetics Today*, 25: 2, 161-169.

- BOURDIEU, Pierre (1997): *Méditations pascaliennes*. Paris, Editions du Seuil.
- CHICHARRO, Antonio (2003): "Una Introducción al estudio de las teorías socio-críticas y sus relaciones con los estudios sociológicos y sociales de la literatura o el 'problema fundamental'", *Sociocriticism*, 2003, 2004, Vol. XVIII 2, XIX 1, pp. 15-29.
- DERRIDA, Jacques (2002): *La universidad sin condición*. Trad. del francés de Cristina de Peretti y Paco Vidarte, Madrid, Trotta.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1996a): «The Emergence of a Native Hebrew Culture in Palestine 1882-1948». *Essential Papers on Zionism*, Reinhartz, Jehuda & Shapira, Anita eds. (New York & London: New York University Press), pp. 727-744.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1996b): "The Role of Literature in the Making of the Nations of Europe: A Socio-Semiotic Study." *Applied Semiotics/Sémiotique Appliquée* 1 (1996 March), pp. 20-30. A WWW refereed e-journal.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2000): The making of Repertoire, Survival and Success under Heterogeneity". www.tau.ac.il/~itamarez/. Último acceso en 28/01/2005.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2002a): "Literature as Goods, Literature as Tools". www.tau.ac.il/~itamarez/. Último acceso en 28/10/2004.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2002b): "Soluciones anticuadas e a industria de ideas". *Anuario de estudios literarios galegos*, pp. 39-53
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2003): "Idea markers, Culture Entrepreneurs, Makers of Life Images, and The Prospects of Success". www.tau.ac.il/~itamarez/. Último acceso en 28/01/2005.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2005): *Papers in Culture Research*, www.tau.ac.il/~itamarez/. Último acceso, 2/04/2005.
- Fundación BBVA (2003): "Encuesta a estudiantes universitarios españoles" <https://w3.grupobbva.com/TLFB/dat/presentacionencuestauniversitarios.ppt>. Último acceso 23/04/2005.
- HENKLE, Roger B. e POLHEMUS, Robert M., eds (1994): *Critical Reconstructions. The Relationships of Fiction and Life*, Stanford, CA: Stanford University Press.
- MC CRONE, David (et alii), realizado en 1995: *Scotland – the Brand: The making of Scottish Heritage*, Edinburgh, Edinburgh University Press.
- MORA ESCALANTE, Sonia Marta (2003): (2003): "Sociedad, literatura y renovación educativa", *Sociocriticism*, 2003, 2004, Vol. XVIII 2, XIX 1, pp. 139-154
- SÁEZ FERNÁNDEZ, Felipe e Rey Boullón, Ramón (2000), "La inserción laboral de los universitarios", *Papeles de Economía Española*, 86: 99-110.
- SZABOLCSI, Miklós e VADJA, György M., eds. (1993): *Neohelicon*, XX/2.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2004a): "Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais", in *Bases metodológicas para unha historia comparada das literaturas da Península*

Ibérica. Anxo Tarrío Varela e Anxo Abuín González (Eds.), Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 419-440.

TORRES FEIJÓ, Elías J. (2004b): “Roma locuta, causa finita? Sobre docência e crítica da literatura e da cultura”, in *VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura*, in *Actas del VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura*. Aurora Marco, Pilar Couto Cantero, Elva Aradas Carollo, Fernando Vieito Liñares (Eds.), Coruña, Deputación Provincial da Coruña, pp. 527-539.

TORRES FEIJÓ, Elías J. (2004c) “Sobre objetivos do ensino na investigação em Literatura”, in *Largo mundo alumiado. Estudos em Homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Carlos Mendes de Sousa e Rita Patrício (Orgs.), Braga, Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, Vol. I, pp. 221-249.